

Comentários

Em dezembro de 2009, a produção industrial apontou variação de -0,3% frente a novembro na série livre de influências sazonais. Este foi o segundo resultado negativo nesse tipo de comparação, acumulando perda de 1,2% entre outubro e dezembro. Em relação a dezembro de 2008, a expansão foi de 18,9% bem acima dos 5,2% registrados em novembro, refletindo, em grande medida, uma base de comparação ainda mais deprimida por conta dos efeitos da crise financeira internacional. Com isso, a produção do 4º trimestre de 2009 avançou 5,8% frente ao mesmo período de 2008, revertendo, assim, a sequência de quatro trimestres de taxas negativas. O indicador para o fechamento do ano ficou em -7,4%, reduzindo em 1,9 ponto percentual a perda observada até novembro.

Com a taxa de -0,3% assinalada na passagem de novembro para dezembro de 2009, após redução de 0,8% no mês anterior, o patamar de produção voltou ao nível próximo de setembro de 2007. Na formação desse resultado observou-se a maior concentração de setores que expandiram a produção (18) do que os que apresentaram decréscimo (9), entre os vinte e sete ramos pesquisados. Das indústrias que reduziram a produção, a contribuição de maior importância para o índice global veio do recuo de 12,2% em material eletrônico e equipamentos de comunicações, vindo a seguir veículos automotores (-1,2%), alimentos (-1,0%), têxtil (-4,0%) e outros equipamentos de transportes (-4,2%). Em contrapartida, produtos de metal (11,3%), farmacêutica (6,2%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (3,3%) e outros produtos químicos (1,3%) exerceram os principais impactos positivos.

Entre as categorias de uso, ainda no confronto com novembro de 2009, observou-se a manutenção de resultados positivos nos setores de bens intermediários (1,0%) e de bens de capital (0,3%). Enquanto o primeiro, respondendo, em boa parte, à normalização dos estoques, cresceu pelo décimo segundo mês consecutivo e acumulou 19,7% de expansão nesse período, o segundo avançou 29,3% entre março e dezembro. O segmento de bens de consumo semi e não duráveis voltou a apontar taxa positiva (0,4%), após recuar 0,5% no mês anterior. A produção de bens de consumo duráveis (-4,9%) foi a única

que registrou recuo pelo segundo mês consecutivo, sugerindo uma acomodação após intenso crescimento ao longo de 2009, influenciado, principalmente, pelos incentivos fiscais que estimularam a produção de automóveis e de eletrodomésticos da linha branca.

O resultado negativo de dezembro contribuiu para reduzir o ritmo de crescimento que vinha sendo registrado no índice de média móvel trimestral para o total da indústria, que avançou 0,5% entre novembro e dezembro, registrando o menor incremento dos últimos dez meses nesse tipo de comparação. Entre as categorias de uso, bens de consumo duráveis interrompeu a expansão observada por dez meses consecutivos, apontando a única taxa negativa (-1,0%). Por outro lado, os segmentos de bens de capital (3,6%) e bens intermediários (1,4%) assinalaram os maiores avanços e prosseguiram em trajetória ascendente. O setor de bens de consumo semi e não duráveis (0,4%) praticamente repetiu a taxa do mês anterior.

Em relação a dezembro de 2008, o setor industrial registrou aumento de 18,9%, apoiado no crescimento em 22 dos 27 setores, com destaque para a expansão de 129,6% de veículos automotores, seguido por máquinas e equipamentos (33,9%), outros produtos químicos (20,7%), borracha e plástico (48,8%) e indústrias extrativas (19,1%). Nesses segmentos, destacaram-se os itens automóveis e caminhões; fornos microondas e refrigeradores; etileno e polipropileno; pneus; e minérios de ferro. Vale ressaltar que esse quadro de recuperação foi disseminado entre os setores, mas é especialmente marcado pelo movimento de ramos mais sensíveis à restrição de crédito, particularmente a cadeia do setor automobilístico, e à queda das exportações de *commodities*, que em dezembro de 2008, com a finalidade de ajustar estoques, concederam férias coletivas e/ou realizaram paralisações não programadas. Essa recuperação confirma-se no alargamento do conjunto de produtos com taxas positivas, como mostra o índice de difusão, em que 66% dos 755 produtos investigados apresentaram avanço na produção. Por outro lado, a principal contribuição negativa veio de outros equipamentos de transporte (-24,9%), pressionada, sobretudo, pelo recuo na fabricação de aviões.

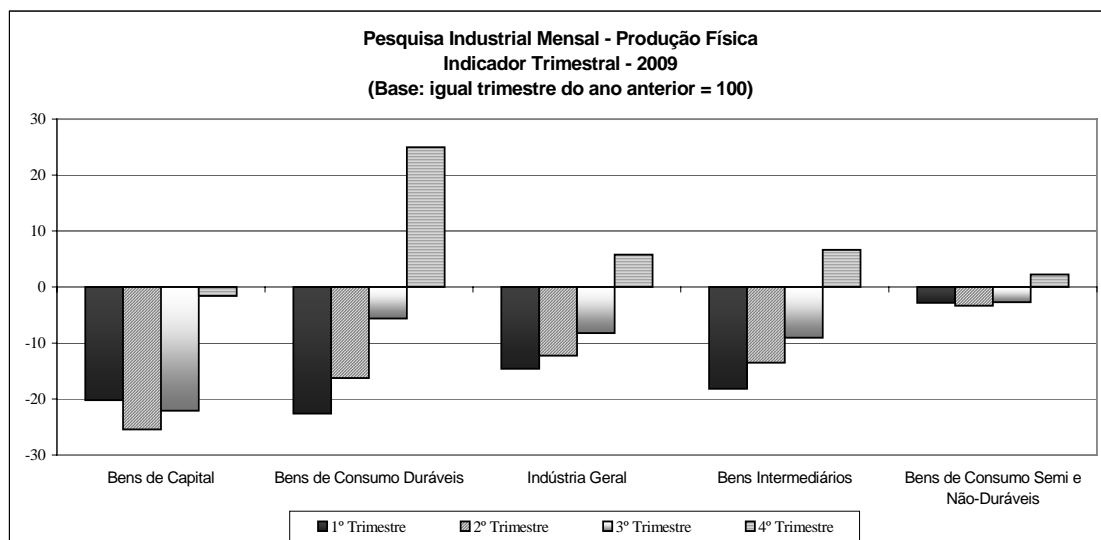
Ainda na comparação com dezembro de 2008, três das quatro categorias

de uso apontaram taxas positivas elevadas, com destaque para bens de consumo duráveis (72,1%). Esse segmento foi particularmente influenciado pela maior fabricação de automóveis, com expansão de 164,7%, e de eletrodomésticos (45,2%), tanto da "linha branca" (50,2%) como da "linha marrom" (41,0%). A produção de bens de capital (23,0%) teve perfil generalizado de crescimento entre os seus subsetores, com destaque para os avanços vindos de bens de capital para uso misto (40,2%), para transporte (24,5%) e para fins industriais (18,2%). Nesta categoria de uso o único resultado negativo foi observado no subsetor de bens de capital para energia elétrica (-29,7%), por conta do recuo na fabricação de transformadores. Em bens intermediários (21,0%), as principais contribuições positivas foram registradas pelos produtos associados à produção de veículos automotores (106,5%), metalurgia básica (25,1%), borracha e plástico (50,2%) e outros produtos químicos (20,7%). Vale destacar também o desempenho positivo de insumos para construção civil (12,2%) e de embalagens (17,8%).

A produção de bens de consumo semi e não duráveis, que avançou 6,0% mas ficou abaixo da média da indústria, foi influenciada positivamente pelos grupamentos de outros não duráveis (9,9%), alimentos e bebidas elaborados para consumo doméstico (5,0%) e semi e não duráveis (8,9%). Nestes segmentos, sobressaíram principalmente os itens medicamentos, no primeiro, refrigerantes e cervejas e chope, no segundo, e calçados no último. Por outro lado, a queda de 4,6% no subsetor de carburantes, por conta do recuo na produção de álcool, contribuiu para amortecer o crescimento do setor.

Os índices em bases trimestrais mostraram que o setor industrial ao longo de 2009 registrou taxas negativas decrescentes até o terceiro trimestre do ano, mesmo quando comparado a uma base em que a produção vinha em trajetória de crescimento: -14,6% primeiro trimestre, -12,3% no segundo e -8,2% no terceiro, todas as comparações contra igual período do ano anterior. No último trimestre de 2009, a indústria interrompeu a sequência de queda e avançou 5,8% frente a igual período de 2008. Entre as categorias de uso, a produção de bens de consumo duráveis mostrou o maior ganho nos

três últimos meses do ano, ao avançar 25,0%, vindo a seguir bens intermediários (6,7%) e bens de consumo semi e não duráveis (2,2%), esse último com resultado positivo, mas abaixo da média nacional (5,8%). A produção de bens de capital (-1,6%), embora com redução significativa no ritmo de queda em relação aos trimestres anteriores, foi a única que não reverteu o sinal negativo nessa comparação.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

No fechamento do ano de 2009, o setor industrial recuou 7,4% frente a igual período do ano anterior, maior queda desde os -8,9% assinalados em 1990. O primeiro semestre do ano apontou perda mais acentuada (-13,4%) que a observada no semestre seguinte (-1,7%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior, por conta principalmente da aceleração da atividade industrial registrada no último trimestre do ano (5,8%). Em 2009, observa-se perfil generalizado de queda, com todas as categorias de uso e 23 setores mostrando redução na produção.

Entre as atividades, as perdas mais expressivas vieram de máquinas e equipamentos (-18,5%), veículos automotores (-12,4%), metalurgia básica (-17,5%) e material eletrônico e equipamentos de comunicações (-25,5%). Nesses segmentos, sobressaíram os recuos vindos de máquinas e equipamentos para fins industriais; caminhões; lingotes, blocos e tarugos de aços ao carbono; e telefones celulares.

Por categoria de uso, a queda mais intensa concentrou-se no setor de bens de capital (-17,4%), influenciada pela deterioração da confiança dos agentes econômicos ante a incerteza em relação ao futuro, seguida por bens

intermediários (-8,8%), refletindo principalmente a redução brusca da demanda internacional por *commodities*, juntamente com a menor demanda por insumos industriais para bens finais, decorrentes principalmente da desaceleração dos segmentos associados ao setor automotivo. As categorias de bens de consumo, tanto duráveis (-6,4%) quanto semi e não duráveis (-1,6%), fecharam o ano de 2009 com queda menos intensa que à média da indústria, influenciados pelo comportamento favorável do mercado interno, apoiado na manutenção do emprego e da massa salarial, juntamente com os benefícios fiscais concedidos.

Em síntese, observa-se que ao longo de 2009, o setor industrial apresentou crescimento gradual desde o início do ano até outubro, acumulando nesse período ganho de 19,5%, já descontados os efeitos sazonais. A perda de 1,2% acumulada nos dois últimos meses do ano, ainda que contribua para reduzir o ritmo de crescimento do setor segundo o índice de média móvel trimestral, não altera a trajetória ascendente presente há dez meses nesse tipo de comparação. Ainda na série ajustada sazonalmente, os sinais de recuperação ao longo de 2009 também ficam evidenciados na observação dos indicadores trimestrais, com o 4º trimestre de 2009 avançando 3,6% frente ao trimestre imediatamente anterior, terceiro trimestre consecutivo de expansão, período em que o setor industrial acumulou ganho de 13,0%. Entre as categorias uso, bens de capital registrou a aceleração mais forte na passagem do terceiro (6,9%) para o quarto trimestre (13,3%), seguido por bens de consumo semi e não duráveis (de 0,6% para 1,4%). O setor de bens intermediários praticamente manteve o ritmo de produção entre os dois períodos (de 4,6% para 4,5%), enquanto a produção de bens de consumo duráveis reduziu o ritmo de avanço (de 9,0% para 2,6%). Contudo, na comparação com o ano de 2008, o setor industrial encerrou o ano de 2009 com queda de 7,4%, primeira taxa negativa desde 1999 (-0,7%) e o recuo mais intenso desde 1990 (-8,9%), refletindo em grande parte as perdas assinaladas no nível de investimento, influenciadas pela deterioração da confiança dos agentes econômicos, e da redução brusca da demanda internacional.